

scan by Barbier
www.guiaebal.com

História de Nossa Senhora de Copacabana

A História de Uma Reabilitação

Nihil obstat.
Niterói, 30 de novembro de 1955.
Pe. J. Lataf, Censor.

Imprimatur
Niterói, 12 de dezembro de 1955
+ Carlos, Bispo de Niterói

○ Orientação do Cônego Antônio de Paula Dutra

Falando de Copacabana, o bairro que floresce para além dos túneis da zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, muito poucos sabem da graciosa toponímia que o singulariza.

Seu nome eufônico e suave, como todo designativo de procedências ameríndias, traz, na sua legenda, o nimbo poético e evocativo dos povos simples de onde se originou.

É a bonita história dessas origens, que o presente número de SÉRIE SAGRADA publica.

Nascida nos píncaros dos Andes, no grande lago do altiplano, essa história se prolonga, prestigiada, na formosa enseada que é, hoje, a colmeia viva do importante logradouro carioca — logradouro que já se tornou autêntica metrópole.

Copacabana é, presentemente, conhecida em todo o mundo. E o é, sem dúvida, mercê do renome que adquiriu na banda brasileira do Continente.

Por êsse motivo, Copacabana tornou-se um patrimônio, cuja essência reclama o amparo dos valores que justificam a razão moral dos organismos sociais.

No projeto do erguimento de um templo para abrigar e comemorar condignamente a devoção histórica da Virgem de Sacopenopã, não se pretende mais do que justificar a admiração que se mantém pela pertinácia e virtudes dos briosos antepassados de nossa terra, e valorizá-los com dignidade perante os que depois de nós vierem.

Outrossim, se o fenômeno de expansão do magnífico bairro nos envaidece pelo que de material se observa em seus setores de atividade, não nos atinamos a muito encantamento se o apreciarmos, porém, pelo lado espiritual da assistência religiosa.

Nessa parte, achamos que Copacabana está desservida. E muito. Copacabana talvez seja, a nosso ver, dentre os bairros do Rio, a parcela humana menos provida de Casas de Deus. Os templos católicos — tão indispensáveis à prevalência cristã — ainda, ali, são lacuna não resolvida.

As duas paróquias do bairro — Nossa Senhora de Copacabana (Praça Serzedelo Corrêa) e São Paulo Apóstolo (Rua Barão de Ipanema) diluem-se no fervilhamento das contingências sem o atendimento proporcional necessário à grande população que povoa o bairro...

Uma coisa é agradável de ser anotada, porém, na reabilitação feita à Santa de Sacopenopã. Os elementos que a expungiram da sua morada terrena, em 1918, foram os mesmos que se propuseram a lhe conseguir a residência que hoje frui...

Transformações psicológicas modificaram sobremodo, e felizmente, o espírito dos dirigentes do Exército brasileiro. O laicismo pagão impôsto às Classes Armadas, laicismo oriundo dos movimentos positivistas dos primeiros anos da República, desapareceu. Dêsse modo, o sedimento de religiosidade do povo brasileiro veio à tona e manifestou-se no bom sentido. Sem isso, não teríamos no presente, seguindo o exemplo adotado em outros grandes países, o corpo de capelães militares que, na última guerra, em ação na Itália, deu edificantes exemplos de bravura e patriotismo.

Totalmente integrado nos princípios cristãos, o Exército brasileiro é um todo magnífico, do qual não podem ser separados os bravos servos de Deus, e que ali ministram a religião.

Dessa atuação e dos exemplos levados para o seio da tropa foi que em 1953 o então Ministro da Guerra, General Cyro do Espírito Santo Cardoso, resolveu mandar reerguer a histórica igrejinha. A 2 de abril do mesmo ano a Comissão Construtora fêz entrega da nova sede da Capelania da Artilharia de Costa da Zona Militar Leste ao General Osvino Ferreira Alves, Comandante do Forte, que por sua vez a entregou ao General Zenóbio da Costa, Ministro da Guerra à época, o qual, em vistosa solenidade, oficialmente a inaugurou.

Foi, portanto, de todo êsse concêrto de circunstâncias que a reabilitação da celeste exilada se processou, repondo-a no seu lugar de origem — o Sacopenopã venerável onde modestos pescadores a erigiram há um par de séculos para sua e nossa veneração...



VIRGEM DE COPACABANA (BOLÍVIA)

Características das imagens

A imagem boliviana entronizada na Matriz de Copacabana, e ofertada pelo govêrno da Bolívia, é cópia típica da esculturada pelo índio Yupanqui. As figuras da Virgem e do Menino têm as suas cabeças coroadas, e seus rostos mostram os traços da raça de que procedia o artista que os esculpiu. Na mão direita, a Virgem segura um círio inteiramente lavrado. As mãos da Senhora ostentam aneis em todos os dedos e o conjunto apresenta uma profusão de detalhes, que o espírito ingênuo dos incas bem justifica.

Já a outra imagem, a Virgem singela da ermida do Sacopenopã, foi reproduzida segundo moldes europeus da Virgem Candelaria. Uma Coroa, sòmente, encima a cabeça da Santa; a mão direita ostenta uma vela; o braço esquerdo segura o Menino, que não tem coroa. Todo o conjunto da imagem é sobrio.



VIRGEM DE COPACABANA (BRASIL)

SERIE SAGRADA — N.º 27 • NOVEMBRO 1955 • Cr$ 5,00

SÉRIE SAGRADA (Revista Mensal Religiosa). ★ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações Para Rapazes, Moças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritório, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302, São Cristóvão. ★ Telefone 48-6391. ★ Rio de Janeiro (Df.), Brasil. ★ A ortografia adotada nas publicações desta Editôra é a do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa".


TITO YUPANQUI
FILIPE II, DE ESPANHA
FREI DIEGO
História de Nossa Senhora de Copacabana
CONDE DE LEMOS
DON ALONSO
Texto e Desenhos
de GIL COIMBRA
Tradução e Adaptação
de AUGUSTO DE ANDRADE
BISPO D. ANTÔNIO DO DESTERRO
IMPERADOR D. PEDRO II
GIL COIMBRA



A QUATRO mil metros de altura, sôbre o nível do mar, e entre a crista prateada das cordilheiras em que se abre o maciço dos Andes, apresenta-se um fantástico lago — o Titicaca — como um cálice suspenso ante o altar do Universo.

Desde êsse ponto até o Sul, estende-se o planalto denominado Meseta dos Andes. A terra está habitada pela raça originária do Continente, a dos índios *aimarás*, que formam uma das vigorosas leveduras étnicas que constituíram grande parte das populações do Peru e da Bolívia.

O solo é duro e acidentado. Granito e neve se crispam nos cumes, mas nas faldas dos cerros e no terreno ondulado que suavemente circunda o lago, se encontra o húmus generoso.

O lago Titicaca é o berço da mais antiga civilização americana.

Acreditavam os Incas que se à água correspondiam as formas elementares da vida nos sêres unicelulares, e se dessa premissa se podia inferir que ela — a água — era a pátria inicial da vida, magnífica razão tiveram os homens dêste lugar da Terra para aceitar o mito de que das águas do Titicaca sairam as bases que formaram o sentido mítico das crenças dos primeiros povos dos Andes.

Da espuma das águas derivou o nome de *Viracocha*, o deus máximo dêstes povos, criador do Universo e dos semideuses revelados no Sol e na Lua. Foi dali que Viracocha mandou seus filhos Manco Capac e Mama Ocllo ao vale, a fim de fundarem o Império dos Incas.

No centro do lago, como dois cetáceos de ouro, vêem-se duas ilhas tidas por "pedras preciosas" na tradição oral indígena. Na ilha maior, oferecida ao culto do Sol, se levantaram grandes templos pagãos e a residência dos sacerdotes. Na ilha menor, chamada Coati, dedicada ao culto da Lua, também se ergueram templos e se fixou a residência das sacerdotisas e vestais da divindade.

E é sôbre o oval azul do lago que um pedaço da montanha, avançando, se debruça em duas pequenas colinas. O movimento geológico que afundou a Atlântida fazendo surgir em seu lugar o nosso Continente, teve o cuidado de deixar frente às duas ilhotas consagradas ao culto dos deuses andinos um lugar encantado, de suave clima, com miradouros naturais nas eminências e uma orla de areia na praia, sôbre a qual se espreguiçam as ondas.

Desta peculiaridade geográfica derivou o nome de *Copa Cahuana* que, segundo os bons etimólogos, se traduz como "o mirante das pedras preciosas". São estas palavras, portanto, que, na bôca dos conquistadores e colonizadores espanhóis, vieram a constituir o sonoro vocábulo agora tão conhecido no Continente inteiro — *Copacabana*.

História de N.S. de COPACABANA

No século XII, quando o Titicaca referenciava pela sua condição geográfica a zona central do então bonançoso Império dos Incas, já nas duas pequenas ilhas do fabuloso lago se haviam levantado aras para sacrifícios votivos ao Sol e à Lua. Copacabana, situada à sua margem, foi um lugar de atração inevitável. De simples aldeola primitiva, tornou-se numa cidade privilegiada.

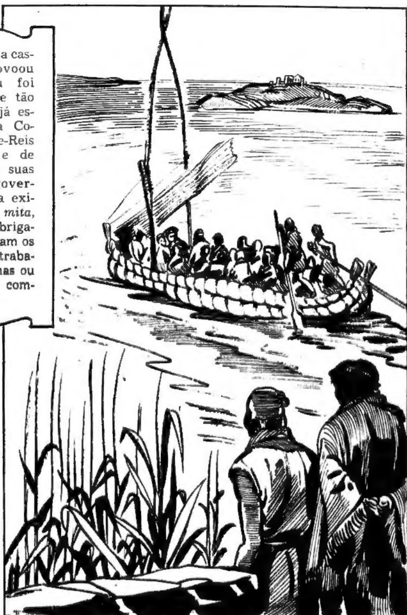


A evolução mítica transformou a "sentinela das pedras preciosas" em amplo centro de culto e seu sistema político se engrandeceu deveras. Estas poderosas tribos produziram gigantescas construções religiosas e amplas residências para seus chefes e patriarcas.



As portas de Copacabana estavam abertas permanentemente. As caravanas de romeiros que se dirigiam às ilhas do Sol e da Lua deviam de pernoitar ali. Alojavam-se em amplos recintos apropriados e eram recebidos com festas e favores pelo *Jatun Runa*, a autoridade local.

Dêste modo, a casta que povoou Copacabana foi tão ilustre e tão seleta que, já estabelecida a Colônia, os Vice-Reis de Toledo e de Velazco, em suas provisões governamentais, a eximiram da *mita*, que era a obrigação que tinham os índios de trabalhar nas minas ou em serviços compulsórios.



O Inca, que era o título que se dava ao soberano, havia mandado que contingentes de índios, livres de todo tributo, não se ocupassem de outra coisa que não fôsse a conservação das hospedarias e dos pequenos barcos de transporte. Assim, os habitantes do lugar não eram prejudicados porque suas fazendas de gado e de cultivo eram preservadas com cêrcas e muros de pedra acauteladores.

E quando a aldeia se tornou cidade, *Urinsayas* e *Anansayas*, os dois clássicos grupos em que se dividiam aquelas povoações indígenas, empenharam-se em jôgo de supremacias, tecendo intrigas ao redor do cacique — o *ápu* Inga Sucsu. Igualmente, quando a cidade se expandiu em população, nela se formou êsse inevitável complexo de opulência e miséria que caracteriza as grandes concentrações humanas, cheias de virtudes e de pecados.

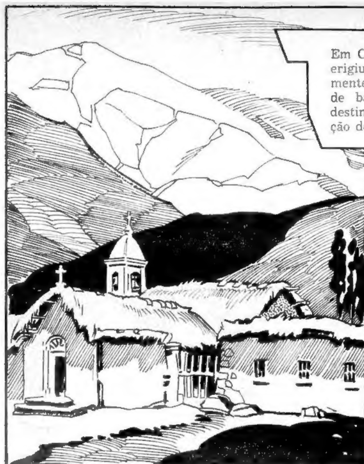


Tanto que (assim o dizem as crônicas), para evitar os matrimônios ilícitos que resultavam das libações exageradas, o Govêrno se viu obrigado a conter em habitações cerradas centenas de belas jovens fugidas de suas casas, como remédio à dissolução. E veio o irremediável castigo...

Chegados os europeus em 1534, os gigantescos ídolos esculpidos em pedra foram derribados e substituídos por cruzes de madeira ou de pedra. Os pontos de gravitação das missões espanholas foram, com preferência, os mais populosos centros das antigas idolatrias.



Depois da demolição do *Coricancha*, que era o nome do templo do Sol, avançaram os padres missionários até o Sul, plantando símbolos de Cristo, enquanto os soldados plantavam fôrças ao lado do estandarte de Castela. Assim foram fundados às margens do lago Titicaca os povoados de Puno, Chucuito, Juli, Pomata e Yunguyo.





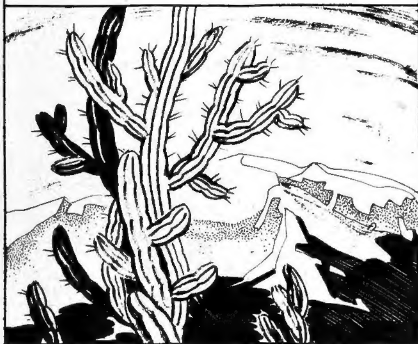




Os conquistadores espanhóis confirmaram-nos como chefes da cidade, mas "com obediência ao Rei". Os que não se submeteram, foram substituídos por outros, ou mortos, quando relutantes.



Lógico é que, com uma comoção política fundamental como esta, hajam entrado em decadência os grandes centros urbanos do Império incaico. Copacabana languidesceu como centro do culto e, por volta de poucos anos, os que foram poderosos *yanaconas* (cultivadores das terras), passaram a deambular pelos caminhos como espectros espantados e sonambúlicos.


E chegou o açoite da miséria. E com a miséria, a dissensão entre as gentes. Para cúmulo (dizem as crônicas), uma invasão de formigas talou tôda a vegetação, deixando tão só, entre as ruínas do povoado, uns tantos cardos solitários com seus braços espinhentos alçados para os céus...


Clamavam as gentes, em incessantes rogativas para que seus deuses se apiedassem de tão amargo destino. Às imprecações se mesclavam promessas de purificação e penitência...


Mas os deuses pagãos estavam surdos. Surdos e insensíveis. E deixaram passar os anos.
Ora, um dia...


...lá pelos princípios do segundo quartel do século XVI, altercavam os habitantes de Copacabana divididos que sempre estavam em seus clássicos grupos antagônicos, ao redor do cura, que era Frei Diego de Montoro...
Calma, filhos...
Êles não têm razão!


E junto ao Governador, Don Alonso Wiracocha Inga, último descendente da vencida aristocracia indígena, dava-se precisamente o mesmo caso complicado...
Queremos São Sebastião!
Que seja Nossa Senhora da Candelária!
Sim... sim... mas quem o resolverá é o Senhor Bispo!
Ninguém cedia em sua pretensão.

Tratava-se de entregar o patrocínio da paróquia à invocação de outro santo mais eficaz do que Sant'Ana. Para êles, a santa avó do Senhor não havia atendido às suas preces. Segundo as singelas concepções dos disputantes, Sant'Ana não servia como padroeira do burgo. Os Anansayas se inclinavam pela Candelária, porque sua festa coincidia com os dias de vento e de nevada que assolam as sementeiras e os campos, e que Ela, naturalmente, saberia guardar e proteger. Os Urinsayas tinham depositado a sua fé no santo mártir de Roma.





Frei Diego, advertindo na disputa reflexos da velha idolatria indígena, buscava a inspiração de Deus no silêncio do seu coração, e lhe pedia, fervorosamente, a salvação do rebanho desavindo.



Ora, aconteceu que, em 1580, Don Alonso Wiracocha Inga teve que viajar para Potosi levado por não se sabe que urgências de seu mister. Don Pablo, seu irmão — o homem que com maior ardor lutava pela vitória da N. S. da Candelária — uniu-se à comitiva a fim de obter pessoalmente a autorização do Bispo.





Seguindo o partido de Don Pablo, encilharam suas mulazinhas outros dois parentes do Governador, que eram Felipe de Leon Yupanqui e seu jovem irmão Francisco Tito Yupanqui. Êste último, ajustando a albarda de seu burrico, e munindo-se de alguns bolos de milho nos alforges, tomou a dianteira dirigindo-se com rumo determinado a *Chuquiagu*, nome pelo qual até hoje os índios designam a cidade de La Paz.

O vento fustigava-lhe rudemente as faces. Sôbre os penhascos, via-se, como que desenhada, a trilha íngreme dos caminhos, a sumir-se ao longe.



O cume da cordilheira confundia-se com a mescla confusa das alturas, enquanto lá embaixo reluziam as águas azúis do lago. Ao longe, desaparecendo a cada volta do caminho, cada vez mais distante, lobrigavam-se as duas ilhas sagradas como dois felinos mansos estendidos ao sol.


Era Tito Yupanqui um rapaz estranho e arisco. Seus grandes olhos negros, amendoados, de grandes pestanas, se amiudavam de vez em quando, para melhor penetrar no que viam.


Não era nem alto nem muito magro. Em seu rosto, de redondos pômulos tostados, o delgado e curvo nariz e o buço ralo acentuavam bem sua nobre ascendência incaica.
Que Deus abençoe tua devoção, Tito!
Havia crescido entre o povo e moldado seu espírito, por um lado, com a nostálgica fala dos "mesoneros" de Copacabana, aquêles hospedeiros gentis da cidade, e, por outro, com as práticas de Frei Diego, o bonissimo cura, elementos êstes que lhe eram estímulo bastante para a sua prodigiosa fantasia.


Quando se iniciou a discussão entre "candelaristas" e "sebastianistas", Tito, como por inspiração do Céu, concebeu a idéia de fazer uma imagem da Virgem. O despertar de sua vocação foi como que um milagroso chamado. E sem dizer nada a ninguém, encerrou-se em sua habitação e a um canto da casa começou a amassar barro.
Corria o ano de 1580.


Vários meses transcorreram na angustiosa busca de modelos para a efígie. Se bem que fôsse certo que Yupanqui carecesse de educação artística para que pudesse se expressar com largueza, certo era também que êle possuía talento e vontade decidida. Sua alma aberta reacionava fàcilmente ao toque do todo harmônico, e cada manhã, de pé no umbral de sua casa, a paisagem tinha um sorriso para êle, e êle a percebia como o sinal da sua predestinação.


Durante o dia e no doloroso processo de meditação de sua obra, vinham-lhe acessos de trabalho alternados com abstrações. As angústias intimas de todo artista representam a agonia do transe da criação.

Uma tarde Yupanqui julgou ver já concluída a imagem da Virgem, e sem perda de tempo, foi chamar para que viesse à sua casa todo o povo da cidade.

Mas os orgulhosos Urinsayas se assanharam contra ele e o desdenharam



Críticas semelhantes ridicularizaram por completo a obra do pobre escultor. Disseram-lhe, desprezivelmente, que só em Lima, ou na Côrte, em Espanha, se encontraria quem soubesse fazer uma boa imagem.



E o ingênuo modelador de imagens não se acovardou. Ao contrário, voluntarioso e firme em sua decisão, obediente à inspiração que lhe vinha do Alto, resolveu partir para Potosi.

Não era só para os castelhanos conquistadores a empresa de cruzar essas terras imensas e solitárias do Collasuyo, terras e distâncias que, de tão grandes, já se não mediam por léguas mas por dias.



E assim, no tempo previsto, Potosi surgiu-lhe branca e característica nas suas primeiras habitações.





A êsse tempo Potosi era uma cidade possuída de soberbia feudal e dominada mais por traficantes e ambiciosos do que por homens limpos de caráter. Decerto que a arrogância arquitetônica daquela terra assombrou o pequeno artista.

Passou-se um mês. E passaram-se outros meses mais de perambulagens e abstrações.



Para Yupanqui, entre extasiar-se diante das obras de arte que se lhe deparavam a cada passo, e cumprir pequenos trabalhos para não morrer de fome, depressa os meses se transformaram em ano.


Então no ano seguinte, 1581, Yupanqui conseguiu ser admitido como aprendiz de talha de um artista espanhol, com oficina de escultura e risco de construção de casas.
Com êsse mestre, êle estudou escultura em madeira e penetrou nos segredos da arte de estucador
Em seus dias de folga, modelava com barro recolhido na vasa do rio Cusimayo, e amassava pacientemente êsse material, a fim de o afeiçoar às exigências plásticas.


Mas, apesar dos seus cuidados, as esculturas se lhe esboroavam nas mãos, ou se lhe partiam em pedaços


Recorrendo a novos materiais, êle renovava suas esperanças de sucesso Então se extasiava, embevecido, na contemplação ideal da figura que se escondia na massa inerte e informe a lhe sair dos dedos


Animava-se, por fim, novamente, e por aqui e por ali ia dando às pregas da roupagem êsse movimento ascensional que ofereciam, nos altares, as figuras religiosas que havia observado
O anelo, a angústia, a ansiedade cresciam como a maré dos rios dentro de seu espírito... E dava voltas sôbre voltas com os dedos, com o formão, ou com a espátula.


"Se isto não era contradição do demônio, poderia dizer-se que o Céu queria pôr à prova sua devoção", escrevera o Padre Calancha, comentador do artista índio.







E, de novo, êle se internou por vales e quebradas da serra em direção à cidade de Charcas.

Chegado que foi ao palácio do Arcebispo, os frades porteiros receberam com ironia a pretensão de Yupanqui, mostrar a Sua Reverendíssima uma imagem indigna de representar a Virgem.







De acôrdo com a nova técnica, Yupanqui tomou uma boa tora de *maguey*, árvore fibrosa, e recobriu-a de estuque. Fixou-a sôbre um pedestal, e começou a dar-lhe forma. Cabeça, colo, manto... Tudo ia saindo do pau tôsco. A seguir fêz sobressair o Menino, que aparecia apoiado sôbre o peito da figura.



Agora já o material parecia ir-se dando com espontaneidade, tomando contornos dignos e o conjunto de tôda uma entidade artística, fora do comum...

E, terminada que viu sua obra, não quis, desta vez, que ninguém, laicos ou religiosos, soubesse que ela estava pronta.




Ausentes já de Potosi seus tios Don Alonso e Don Pablo — estamos em junho de 1582 —. Francisco Tito Yupanqui começou, entre os *mitayos*, a procurar companheiros para fazer a viagem de retôrno a Copacabana
Amanhã partiremos porque largamos o trabalho.
Seguirei [redacted].


E, assim, teve de unir-se a caravana de homens de Inquisivi, Pacajes e Omasuyos, humildes trabalhadores conscritos para o labor das minas
Ninguém . . .
Alguns deles levavam consigo varias onças de prata, amealhadas com sacrifício. Êsse precioso metal estava sendo extraído em Potosi. Mas a Yupanqui só preocupava o tesouro que transportava a escondidas


De um ponto alto, a caravana olhou o Cêrro, de cujo ventre os homens retiravam o metal pelo qual tanto pelejavam e morriam. . .
Do outro lado teremos povoado à vista?
É a aldeia de Ayo-ayo!


Os dias se passaram e, com êles, surgiu também o cansaço da viagem penosa. Qualquer recanto da rocha bruta servia a pousada reparadora


Finalmente . . .
Aqui passaremos melhor a noite.
. . .os viajantes chegaram a Ayo-ayo, célebre povoado pelo fato de ter sído dali que saiu Túpac Carari como chefe da rebelião dos indios collas contra a dominação dos brancos

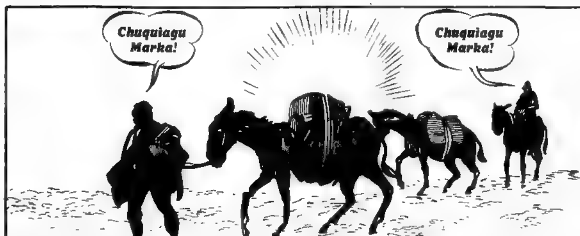


Só Yupanqui nada disse Êle viajava como que abstrato ao que lhe acontecia em volta. Todos se estenderam no solo. Seriam umas tantas da noite lôbrega, quando passos foram ouvidos...



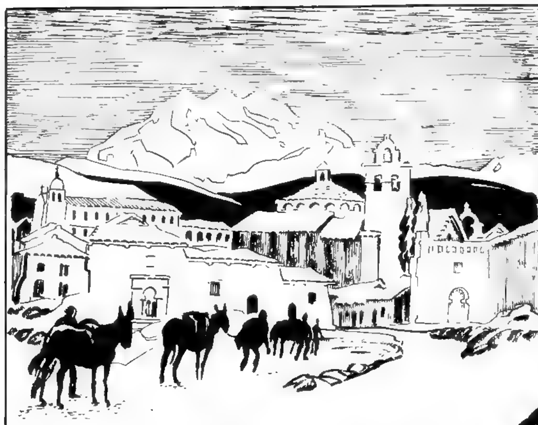


No dia seguinte a caravana pôs-se, de novo, a caminho. Cristas e alcantiladas veredas foram vencidas por algumas semanas de marcha quase ininterrupta. Por fim, atingido um pico, olharam para o fundo .



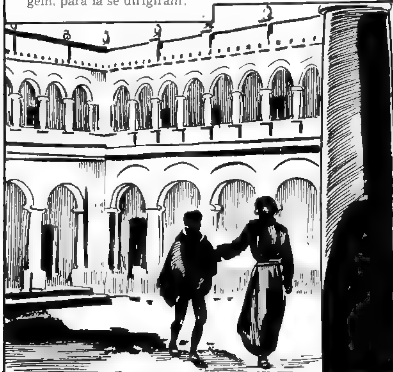
E todos se persignaram a um tempo só. Lá em baixo estava a cidade de La Paz. Altas paredes de conventos, telhados de casas de fazenda e cúpulas de igrejas. No horizonte azul, via-se o Illimani damasquinado pelos labôres de pequenas nuvens cinza

A caravana se abalou a descer a vertente talhada quase a pique La Paz tinha, então o aspecto de uma cidade bem modesta Ao cabo de uma hora de descida, a encosta tornou-se em vereda, para depois se abrir em estrada Um longo aqueduto passava por ali Flôres ornamentavam os muros das casas Por último, uma praça ...



Poucos dias depois, Tito Yupanqui tornou-se amigo de um dourador de altares. Chamava-se Vargas e tinha uma oficina onde o jovem Yupanqui passou a trabalhar Foi lá que a imagem da Virgem da Candelária sofreu os reparos e o acabado policrômico tão do gôsto da época. Vargas, solicito, convenceu o jovem a que se mostrasse a imagem ao Padre Navarrete, do convento de São Francisco

E os dois, com Yupanqui levando o embrulho da imagem, para lá se dirigiram.



Foi com afabilidade que o sacerdote recebeu Yupanqui.



Ao notar a escultura, o sacerdote parou um instante como que cravado em seu lugar Do ponto onde se achava, o sol provindo da janela toldava-lhe a visão. Aprumou-se para trás para olhar melhor E num impulso comovido abraçou o índio em aprovação tácita



Yupanqui dobrara a fronte humildemente agradecido Depois... encarou a Virgem e sentiu ânsias de beijar o solo por longo tempo, em devoção

Se é exato que os desígnios de Deus não podem ser medidos pela razão humana, certos são os prodígios que Deus mostra quando somos levados a vê-lo em suas obras Assim, só a Êle competia saber por que o índio Yupanqui fôra tão pouco compreendido em seu início Fora disso, nada há que explique as origens divinas da devoção à Virgem de Copacabana. Se o instante de graça moveu a mão do escultor intuitivo, a fé das criaturas humanas fêz perdurar na eternidade êsse instante inicial.




Frei Antônio de la Calancha, em crônica que nos legou, escreveu: "*Jamais outro artista foi tão celebrado como êste modesto índio*".
Nisto está a sabedoria divina, que para realizar tal evento escolheu uma pessoa tão rústica!


Transcorria janeiro de 1583. Frei Diego de Montoro, pároco de Copacabana, informado dos acontecimentos que o aparecimento da Virgem estava provocando em La Paz, determinou ir vê-la.
Chegaremos a La Paz na semana entrante, Señor Corregedor!
Também assim penso, Frei Diego. O tempo tem sido bom para a viagem!
Atrás dêle largaram-se também o Corregedor Don Jeronimo Marañon e outros. A ânsia de colhêr notícias sôbre os fatos era um excitante para todos.


E assim, em La Paz, dentre as alvoroçadas manifestações que já haviam tomado conta da cidade, ficou resolvida a trasladação da imagem.
Parece que todo o povo vem conosco.
Graças, que todos estão satisfeitos com a Virgem!
A numerosa procissão empreendeu a viagem para a travessia dos Andes. Cânticos, repiques e estrondo de foguetes vibravam para um céu inteiramente limpo de nuvens.


Mas, se a alegria era intensa entre os partidários de Tito Yupanqui, outro tanto não se poderia dizer dos que, contrários a êle, nas orlas do Titicaca aguardavam o momento para se lançar ao combate como feras...
Acabemos com os Anansayas!
Mas os Urinsayas também não escaparão!
O primeiro choque entre os grupos rivais foi tão encarniçado que deteve em Tiquina todo o acompanhamento. Só a intervenção enérgica do Corregedor conseguiu amansar os briguentos.


Frei Diego solicitava paz, para um e outro lado. Mas seus apelos mal eram ouvidos.
Meus filhos! Isso é um inominável pecado!


Satanás é quem lucra com as vossas rixas . . .
O bando dos que propugnavam o patronato de São Sebastião deixou-se impressionar pela figura branda do Padre e se conteve, afastando-se.


Uma trégua, pelo menos, fôra conseguida. Na madrugada de 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Candelaria, o cortejo saiu de Tiquina em direção a Copacabana.
Já de há muito marchavam, quando a manhã se abriu para os banhar de sol acariciador.


A caminhada continuou. Subiram montes e desceram encostas. E a noite voltara quando atingiram Huacuyo. Ali fizeram alto, a fim de entrar triunfalmente na cidade.


Súbito, alaridos e vultos ameaçadores surgiram de todos os lados...
Viva São Sebastião!
Viva a Candelária!
..eram, de novo, os teimosos Anansayas.





Um clarão imenso fulgurou nesse instante. A montanha se viu incandescida por um leque de fogo que subia às nuvens



Dezenas... centenas..., enfim todos os braços se estenderam para o alto anelantes de súplicas pelo esplendor pânico do fenómeno. O milagre estava patente. Ao céu repugnava aquela luta entre irmãos


Então a aura luminosa se abriu, e dentro do foco vivo que se formou, todos — quer Anansayas, quer Urinsayas — viram a imagem miraculosa sorrir e abençoá-los!
Milagre!


Por tôda a extensão do monte caíra a paz. Gente dos dois bandos rezava lado a lado, promíscuos, em preces de veemência igual. Era a trégua definitiva.


As trombetas que derribaram os grossos muros de Jericó não obraram maior prodígio. O ódio entre os dois grupos irmãos era muralha tão inexpugnável quanto as da cidade bíblica. Agora êles dançavam e glorificavam com igual entusiasmo a Virgem Nossa Senhora de Copacabana.
Viva Nossa Senhora da Candelária!
Vivaaa!
Vivaaaa!


Instalada que foi a imagem em Copacabana, seu modesto altar passou a ser ponto de romaria constante


A benéfica presença da Virgem fêz-se sentir ao redor do lago e ampliou-se pelas cordilheiras em fora.


Pouco a pouco a corrente das doações cresceu. Pobres e ricos traziam a dádiva que suas posses permitiam. Com as dadivas ascendia também em seus corações a alentadora esperança da instalação mais condigna da Virgem num templo maior e definitivo


O espírito dos homens se aquietou. Reinava a paz na terra, e os campos pareciam sorrir com a felicidade dos que os amanhavam.
Pai, vamos ter boas colheitas!
Graças à Virgem, meu filho! As chuvas vieram no seu devido tempo!


Até um indivíduo sujeito a ataques indescriptíveis, trazido e colocado diante da imagem, readquiriu a calma e curou-se...

E histórias corriam da intervenção da Virgem num caso de certa mulher índia que volveu à vida depois de haver sido considerada morta





E casos corriam de bôca em bôca, em que pastôres perdidos entre as brennas, viajantes assaltados por malvados, mineiros soterrados nas minas, náufragos prestes a afogar-se, todos, todos tinham sido salvos à simples intervenção da Virgem . .

Valha-nos Nossa Senhora!

Virgem de Copacabana, valei-nos!

Enfim, para o índio simples e bom, a Virgem milagrosa de Copacabana era quem regia as nevadas do seu duro inverno, moderava as secas que lhe arrebatavam a vida e os rebanhos, e dissipava as furiosas tormentas, fazendo-as ir para longe, com seus trovões e coriscos fulminantes. . .



Frei Alonso Ramos, em sua "História de Copacabana e da Milagrosa Imagem da Virgem", foi quem, em 1627, quarenta e poucos anos depois da instalação da imagem em sua Capela, narrou todos êstes milagres . .

E eu os atesto no livro que estou escrevendo!

Mas nem só os índios simples punham a sua veneração sincera no culto da Virgem de Copacabana . Também os dominadores espanhóis não estavam estranhos a essas manifestações de devoção . .

Frei Diego de Torres, ilustrado Reitor da Companhia de Jesus na vizinha cidade de July, às margens do lago, era devoto forçado do Santuário da Virgem, que visitava a cada passo



E desde Moquegua, Arequipa e Cuzco, por um lado, Cochabamba, Chuquisaca e Potosí por outro, ou ainda mais para longe: desde o Equador à Argentina, chegavam os romeiros em cadeia interminável com suas valiosas oferendas. Por isso foi inevitável o processo de transformação que se operou na obra de Yupanqui. O modesto manto azul com flôres de ouro, perdeu-se debaixo das dobras espêssas do grande manto de brocado e pedrarias

E tinha razão o velho sacerdote. Frei Diego Montoro acompanhara o crescimento da devoção. Mas sua saúde já era impotente para a obrigação diária dos ofícios que se faziam mister



Os pés da estatua ficaram escondidos — no estilo colonial — por amplos ramos de lírios de prata laminada, e por uma grande lua com duas estrêlas refulgentes nas pontas, ocultando a peanha, o que deu à figura da Virgem uma como que expressão aérea

Por sua vez, Don Jeronimo Marañon foi em socorro de Frei Diego. Como Corregedor, que ainda exercia o cargo a contento de seus superiores hierárquicos, êle iria demonstrar o grande desenvolvimento que estava havendo no Santuário. .





Tempos depois, um grupo de agostinianos chegou a Copacabana para a coadjuvação do culto à Virgem


Mas o problema não era somente da falta de sacerdotes O debatido assunto foi levado até à Côrte peninsular, e lá, por Pergaminho Real de Filipe II, datado de 7 de janeiro de 1588 ...
Que então se levante um templo para a morada da Virgem, e se cumpra o que ordeno neste alvará...
...se decidiu que para Copacabana seguisse Frei López, piedoso prelado, a fim de substituir Frei Montoro, que seria agraciado com uma boa prebenda e muitos louvores "pelo seu doutrinamento dos índios"


Quando o Vice-Rei do Peru recebeu, em Lima, o alvará do soberano espanhol, logo ordenou que se organizassem planos, "sem detenças de ordem financeira", para a construção do templo.
Mais tarde o próprio Conde de Lemos, Vice-Rei, foi a Copacabana depor nas mãos da Santa um cetro de ouro finamente trabalhado colocando também a pedra fundamental do templo que Filipe II mandara erigir
Em 1670, finalmente, pôde o novo templo ser inaugurado É uma construção de tipo medieval, de belas abóbadas, risco do espanhól Francisco Seqüenza. O austero templo está situado num plano de onde se descortina o maravilhoso Titicaca, amplo como um oceano


Durante as guerras da Independência, Copacabana, como as demais cidades do país arrostou os efeitos da convulsão. Os frades sofreram vexames e as oferendas dos devotos foram requisitadas pelo Marechal Andrés de Santa Cruz, chefe dos exércitos republicanos.
Marechal, isto dá uma bela soma.
Passai recibo pelo que pesarem essas jóias. Pagá-las-emos oportunamente!


Mas a glória da milagrosa imagem do Titicaca prosseguiu. Em 1925, ano do Centenário da Independência da República. Sua Santidade o Papa, em decreto de 29 de julho do mesmo ano, proclama a coroação da Virgem e declara-a Padroeira da Bolívia.
Como a Virgem é bonita!
Só por milagre podia ter sido esculpida por um índio!
A procissão que então se fez com a imagem esculturada pelo jovem Yupanqui foi a última. Os perigos de um possível acidente aconselharam mantê-la permanentemente em seu altar. Até nossos dias, jamais tornou a sair dali..

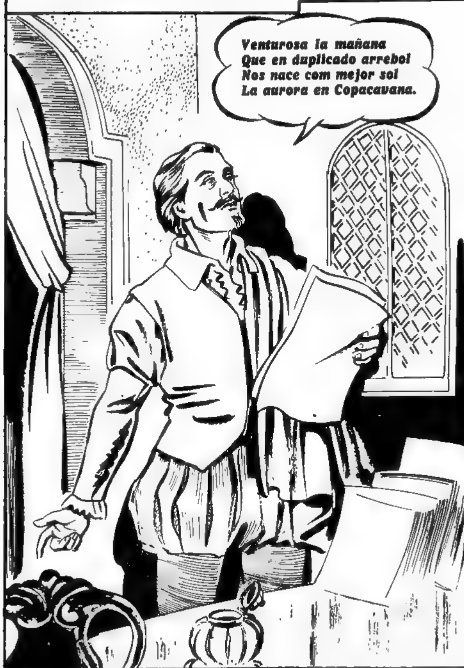
Todo o Continente veio assim, através dos tempos, tomando conhecimento do prestígio de Nossa Senhora de Copacabana. Em Arequipa, num povoadozinho chamado Chuquibamba, existe uma igreja de boa construção com o nome de Copacabana. Em Lima, Quito e Bogotá, idêntica consagração. Em Potosi, então, há um mosteiro que adotou a mesma designação.





Há praças, ruas, hotéis e clubes em quase tôdas as capitais sul-americanas, além de praias assim designadas. Basta notar que nos Estados Unidos, como no México (Acapulco) se registra esse nome, se bem que muita gente desconheça a origem de tal palavra.

Os escritores do século de ouro espanhol fizeram eco desta história tão nimbada de prestígio, embora a acomodassem ao seu capricho pessoal. Calderón de la Barca escreveu *"La Aurora en Copacavana"*, obra em que se faz a apoteose do assunto.





É dessa forma que o agostiniano Frade Antonio de la Calancha, apresentando o índio escultor como um taumaturgo, o exalta em sua obra *"Narração da Milagrosa Fundação do Santuário de Copacabana"*.

Mas, como se explica, afinal, o ingresso do nome de Copacabana no Brasil e a consequente ereção de uma capela em seu louvor? A configuração física em seu conjunto de água, areia e montanha, em enorme anfiteatro natural sôbre o Atlantico, idêntico ao do lago Titicaca, justifica a adoração daquele nome, aqui tao longe?

Seja por isto ou por aquilo, é muito provavel que espanhóis ou mesmo portugueses vindos dos Andes e aqui chegados pelo mar, tenham ficado maravilhados com a semelhança de paisagens

Que vos lembra esta linda enseada, Padre?

Copacabana, às margens do Titicaca, sem dúvida!

Frei Agostinho de Santa Maria, classico da língua portuguesa, fala de uma imagem existente em 1722 numa modesta casa de Misericórdia da Praia de Sacopenopa dedicada a N. S. de Copacabana. Sa [illegible] de a hipótese de ter sido algum português que a houvesse trazido, e por devoção a colocasse naquela capela.

SANTUÁRIO MARIANO
POR
FREI AGOSTINHO
DE SANTA MARIA
Da Ordem dos Agostinhos
Descalços
Prior do Convento de Évora,
Secretario da Província,
Definidor e Secretário Geral
da Congregação
✝
LISBOA — 1722

Hipóteses há que atribuem à obra fabulosa dos bandeirantes, que partindo daqui, do litoral, atingiram o Altiplano nas suas andanças, e trouxeram a devoção da já famosa imagem do Titicaca

E quanto à ereção da Capela de Nossa Senhora de Copacabana, Vitor Drummond é conclusivo. Escreveu êle na "Ilustração Brasileira" de novembro de 1940: "Vindo de uma viagem pastoral a Angola (Africa), o Bispo Dom Antônio do Destêrro sofreu as agruras de violentíssimo temporal, chegando ao auge justamente quando a embarcação defrontava a praia de Copacabana ..."

Rezem para que Deus se compadeça de nós!

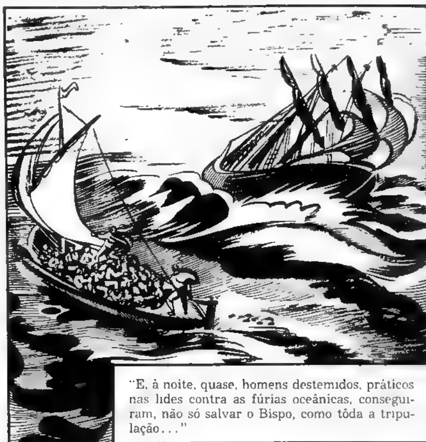
Dai-me, Senhor Bispo, a vossa absolvição!

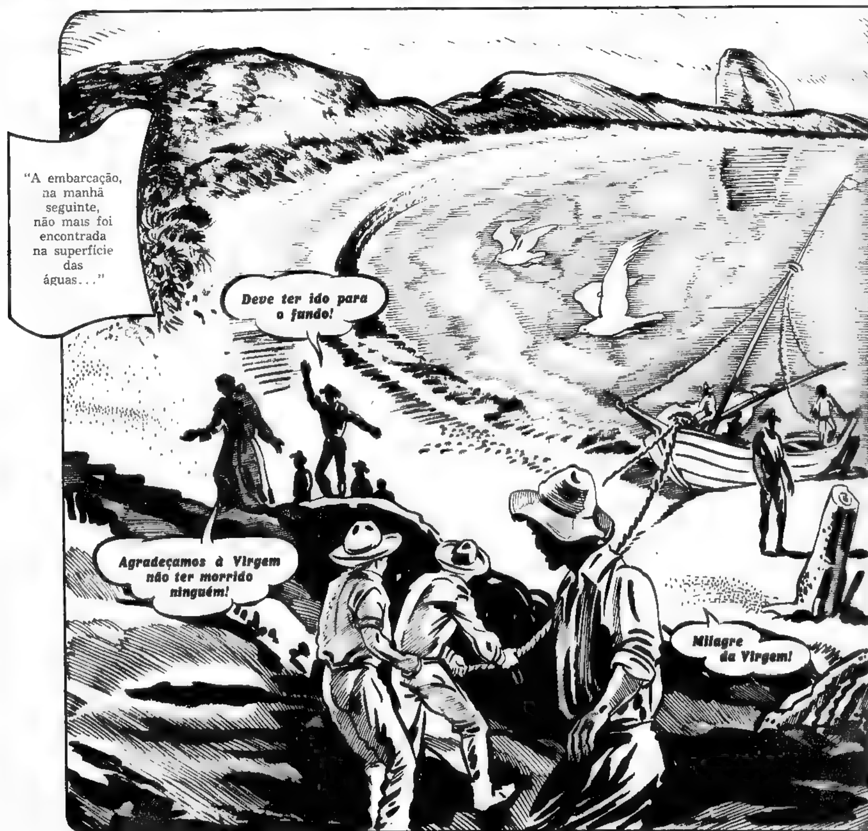
"Vendo que a embarcação estava na iminência de soçobrar, piedosa alma daquele lugarejo. . ."

O navio está adernando e vai ao fundo...

veio, a muito custo, avisar as autoridades eclesiasticas


". que, por sua vez, requisitaram dos civis elementos de salvação . "
Lá, em frente à Ponta do Sacopenopã...
Sim, vejam se socorrem aquelas almas de Deus!


"E, à noite, quase, homens destemidos, práticos nas lides contra as fúrias oceânicas, conseguiram, não só salvar o Bispo, como tôda a tripulação..."


"A embarcação, na manhã seguinte, não mais foi encontrada na superfície das águas..."
Deve ter ido para o fundo!
Agradeçamos à Virgem não ter morrido ninguém!
Milagre da Virgem!


Santa Maria, Mãe de Deus...
"Exausto o Senhor Bispo assim como todos os tripulantes e salvadores, acolheu-se a modestissima capela da Santa que dera o nome a praia defronte da qual havia saltado são e salvo "


E Sua Excia Reverendissima, banhado em lagrimas de mãos postas aos Céus em preces fervorosas agradeceu, na imagem simples da santinha dos pescadores, a graça que lhe dera "


"Comovido pela pobreza do templo prometeu solenemente que haveria de dar condigno abrigo à milagrosa Santa de Copacabana."
Em breve, Senhor Bispo, a ermida estará pronta...
Cuidai do término da obra; que eu tratarei de quem logo cuide do culto de Nossa Senhora...
"E cumpriu sua promessa, o Sr. Bispo Dom Antônio do Destêrro, mandando construir sôbre as lajes onde, em outras épocas, se erguia arrogantemente um velho forte, a igrejinha de N. S. de Copacabana."


"Mas "
Devo à Virgem a minha vida. Não é muito que lhe engrandeça a morada! ...


"O Sr. Bispo não teve facilidade, entre o clero regular, do qual fazia parte, em encontrar sacerdote que desejasse de boa mente radicar-se naquele cantinho da praia. Consultou a Ordem de São Bento..."
Mas...
Nós...

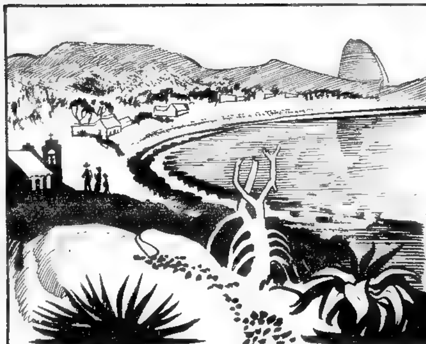

"E também a dos Carmelitas . . "
Convinha que . . .
Senhor Bispo . . .
"Até que resolveu ordenar que coubesse aos Carmelitas o povoamento espiritual daquele templozinho batido pelas intempéries . . ."


Meus filhos! Quero-vos guardiães do culto da Virgem, tal como já o foi São Bertoldo no século XII. Ide em paz!


"Começaram as práticas regulares da liturgia romana, tendo como côro o rugir das ondas na rocha e o zunir do vento sôbre a cúpula frágil da igrejinha . . ."


E assim, com o autêntico milagre que salvou a vida de Dom Frei Antônio do Destêrro e de seus companheiros, em 1745, tomou impulso o culto da Virgem de Copacabana na distante Ermida

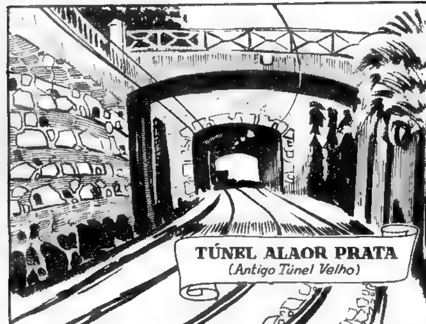

Em 1860, ainda êste local era um refúgio isolado, agreste, entre o mar que lhe rugia aos pés e o céu de onde lhe descia, perene, o espírito divino
Um dia o Imperador Dom Pedro II soube da capelinha. Viajou com todo o séquito da Côrte e foi até o inóspito promontório, a juntar as suas preces às dos poucos habitantes daquele extremo de Copacabana.



Paróquia modestíssima. Os pescadores que a compunham escondiam-se, como que medrosos entre as dunas e as ralas pitangueiras dos brejos a sobressaírem na paisagem



Em 1874, Copacabana deu outro passo para ser lembrada. Pouco mais ou menos onde hoje se acha o Posto 6, num casebre achapado, instalara-se a ponta do Cabo Submarino que nos ligava à Europa.



Mas só em 1892, com a abertura do Túnel (Velho), que daria passagem aos bondes, Copacabana passou a ser um recanto menos longínquo.



Os trilhos dos bondes terminavam um pouco adiante do Túnel. Uma vistosa estação de madeira foi construída pela Companhia nos areais mal disfarçados da rua recém-aberta.







A Matriz indispensável à paróquia nascente tomou o nome da invocação histórica (Nossa Senhora de Copacabana), em 1908. Ficou ela bem plantada ali, no centro, junto ao conglomerado de habitações que nasceram com a linha pioneira dos bondes, no ponto onde hoje é a Praça Serzedelo Corrêa.

Pois eu estou bem satisfeito com a casa que mandei construir aqui.

Copacabana se valoriza. Sobretudo, agora, que já temos outro Túnel lá para os lados do Leme . . .

Entretanto, no pedregoso promontório, as velhas peças do velho forte eram removidas. As necessidades da defesa costeira exigiram o sacrifício da paupérrima capelinha para que edificações militares, à altura dos problemas do tempo, ali se levantassem. Foi lá por 1918. .

Cuidado com estas peças coloniais. Elas têm, para o Brasil, um incalculável valor histórico . . .

Sim, senhor Capitão!



O que foi, até ali, um baluarte cristão a olhar o mar imenso como um fanal da nossa fé, desapareceu na poeira do camartelo demolidor, para que surgisse, no mesmo lugar, a sentinela dos nossos brios de nação livre . . .



As alfaias do culto e a imágem venerável foram recolhidas pela família Teffé à sua residência de Corrêas, em Petrópolis.

Em 1943, uma comissão de damas enviadas pelo Govêrno da Bolívia veio ao Rio, trazendo uma cópia fiel da imagem esculpida pelo índio Tito Yupanqui



Era o regozijo do nobre povo do altiplano a rever, na projeção da Copacabana brasileira, as origens místicas da sua histórica devoção, .





A milagrosa imagem foi pomposamente entronizada na Matriz de Copacabana O Presidente Getúlio Vargas deu às solenidades, com a sua presença, um toque oficial de bastante relêvo .

Passam-se os anos. O exílio quase iconoclasta a que tinham submetido à Santa, depois de lhe haverem demolido a morada do rochedo do Arpoador, foi atenuado

Esta não é a Virgem do Lago, aquela que foi trazida de Corrêas?

Sim. Ela será reposta na capela que os soldados do Forte lhe construíram!

Com efeito, a milagrosa Virgem dos Pescadores, venerável relíquia da Ermida de Sacopenopã, repousara provisòriamente na igreja da Santa Cruz dos Militares, na Rua Primeiro de Março. Dali ela saiu gloriosa...

Foi na noite de 8 de dezembro de 1953, data da festa da Santa Mãe de Deus.



Regozijo religioso e patriótico, missa campal, noturna, que entrou determinadamente pela meia noite do dia seguinte, etc., tudo contribuiu para tornar manifesto o valor da consagração. Entronizada em seu nicho por um militar, a venerável imagem tomou posse da sua nova casa

No alegre templozinho passaram a ter lugar os ofícios divinos, todos os domingos...



Todavia...



As iniciativas cristãs sempre se mostram reverdecidas nos imperativos da fé... Realmente, um fervoroso grupo de senhoras da sociedade resolveu angariar fundos para a construção de um grande templo. A Padroeira do Bairro obtera, assim, a reivindicação merecida.

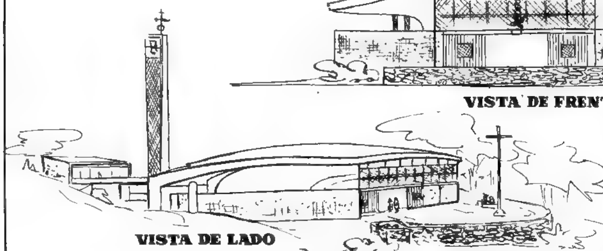
Lúcio Costa, o arquiteto de tantos trabalhos famosos, foi convocado O criador do Altar-Monumento do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional elaborou um projeto, que é o que aqui apresentamos em primeira mão

Projeto do Futuro Templo

A Cruz plantada em frente foi a mesma que figurou no Altar-Monumento do Congresso Eucarístic Internacional, realizado no Rio de Janeiro em julho de 1955, uma relíquia de uma efeméride bem grata ao Brasil.



VISTA DE FRENTE



VISTA DE LADO

Hoje, o bairro dos arranha-céus impressiona pelo porte dos seus edifícios Amanhã, a futura morada da Virgem do Promontório impressionará pelo ineditismo das linhas do seu Templo Padroeiro

FIM

Edições da Série Sagrada Totalmente em Quadrinhos

ORIENTAÇÃO DO CÔNEGO ANTÔNIO DE PAULA DUTRA

COM A APROVAÇÃO DAS AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS

N.º 1 - **HISTÓRIA DO PAPA PIO XII** (O Pastor Angélico).
N.º 2 - **HISTÓRIA DE N. S. DE FÁTIMA** (4.ª Edição).
N.º 3 - **HISTÓRIA DA VIRGEM MARIA** (2.ª Edição).
N.º 4 - **REI DOS REIS** (Adaptação fotográfica da Vida de Cristo).
N.º 5 - **HISTÓRIA DE CINCO SANTOS** (São Tomé, Santa Margarida, Santa Germana, São Cristóvão e Santa Zita).
N.º 6 - **HISTÓRIA DE SANTA JOANA D'ARC.**
N.º 7 - **HISTÓRIA DE QUATRO MISSÕES** (I - A Fé Era a Sua Espada; II - O Apostolado do Sagrado Coração; III - Missão Para Com o Mundo; IV - Como os Frades Foram Para os E.U.A.).
N.º 8 - **HISTÓRIAS DO NOVO TESTAMENTO.** (I - A Natividade; II - Uma Voz no Deserto; III - A Tentação de Jesus; IV - Jesus e os Fariseus; V - O Verdadeiro Crente; VI - A Morte de João Batista; VII - "Vai e Não Peques Mais!"; VIII - O Bom Pastor).
N.º 9 - **HISTÓRIAS DE DOIS MÁRTIRES** (Cardeal Mindszenty e Padre Tiso).
N.º 10 - **SÃO JOSÉ SARTO, O SANTO PAPA PIO X.**
N.º 11 - **PARÁBOLAS E POEMAS DO NOVO TESTAMENTO** (I - O Bom Samaritano; II - As Bem-Aventuranças; III - Os Milagres; IV - O Poder da Fé; V - A Igreja de Cristo; VI - "Magnificat"; VII - As Dez Virgens; VIII - Transfiguração; IX - O Reino dos Céus; X - O Rico Louco; XI - O Mais Aquinhoado no Céu; XII - O Juízo Final; XIII - A Oração do Senhor).
N.º 12 - **HISTÓRIA DE SÃO COSME E SÃO DAMIÃO** (I - Versão da Lenda Áurea do Dominicano Jacobus de Voragine, Arcebispo de Gênova; II - Como Teve Início, no Brasil, a Veneração aos Dois Taumaturgos).
N.º 13 - **A TENTAÇÃO DE BENEDITO** (História de Apologética Cristã).
N.º 14 - **CINCO HISTÓRIAS DE FÉ** (I - O Milagre de Málio; II - O Santo Jovial; III - A Dádiva Que Deus Pagou; IV - O Segrêdo do Bosque; V - Um Sonho Que se Realizou).
N.º 15 - **MISSIONÁRIOS DE CRISTO** (I - O Padre da Amazônia; II - O Padre da Antártida; III - O Padre das Ilhas Futunas; IV - O Padre Saara; V - O Padre da Velha Britânia).
N.º 16 - **PÁGINAS BÍBLICAS** (I - A Criação do Mundo; II - Caim e Abel; III - A Arca de Noé; IV - A Tôrre de Babel; V - A História de Abraão; VI - José do Egito; VII - A Escada de Jacó).
N.º 17 - **MILAGRES PELA FÉ** (I - Milagre de São Francisco; II - Milagre de Nuremberg; III - Milagre da Cruz Branca; IV - Milagre das Preces; V - Milagre de São Tiago).
N.º 18 - **HISTÓRIA DE N. S. DA PENHA** (I - O Achado da Imagem; II - O Milagre da Nevada; III - O Milagre de Guimarães; IV - O Milagre de Lisboa; V - O Milagre de Irajá; VI - História do Convento da Penha de Vila Velha no Espírito Santo).
N.º 19 - **NOVAS PÁGINAS BÍBLICAS** (I - Moisés Liberta seu Povo do Egito; II - A Queda de Jericó; III - A História de Sansão; IV - A História de Samuel; V - Davi, o Pastor de Ovelhas).
N.º 20 - **HISTÓRIA DE SÃO JORGE** (I - Vida e Martírio de Jorge da Capadócia; II - A Lenda do Dragão; III - São Jorge na Velha Inglaterra; IV - São Jorge na Epopéia Portuguêsa; V - São Jorge, Protetor das Crianças).
N.º 21 - **ORIGEM DOS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS** (I - A vida de Maria Tamisier e seu papel na Origem dos Congressos Eucarísticos; II - Benefícios dos Congressos Eucarísticos; III - São Pio X, o Papa da Eucaristia; IV - São Pascoal Bailão, o Padroeiro dos Congressos Eucarísticos).
N.º 22 - **HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA** (I - Do Encontro da Imagem ao Prodígio da Grande Devoção; II - O Paralítico de Barra Mansa; III - Graças Concedidas Por N. S. Aparecida).
N.º 23 - **HISTÓRIA DO BOM JESUS DA LAPA** (I - Os Bandeirantes Descobrem a Gruta; II - "Busca o Calvário na Gruta!"; III - A Lenda da Onça; IV - Salvo dos Jagunços, das Piranhas e do Afogamento; V - O Milagre do "Gaiola"; VI - Invocação Que Salva da Morte; VII - O Soterrado Que Não Morreu; VIII - O Cégo Que VIU o Santuário da Lapa).
N.º 24 - **HISTÓRIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.**
N.º 25 - **HISTÓRIA DE SANTO INÁCIO DE LOIOLA.**
N.º 26 - **HISTÓRIA DE SANTO AGOSTINHO.**
N.º 27 - **HISTÓRIA DE N. S. DE COPACABANA.**
N.º 28 - **HISTÓRIA DE SÃO JUDAS TADEU**

COLEÇÃO ENFEITADA

Uma Belíssima Coleção de 12 Livrinhos Com as Mais Alegres e Encantadoras Histórias!



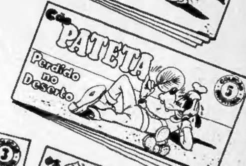


Dez Cruzeiros Cada Exemplar, Em Qualquer Parte Do Brasil

Histórias Inéditas Dos Seus Heróis Preferidos!

Podem Ser Comprados Em Coleção — Ou Qualquer Número Separadamente











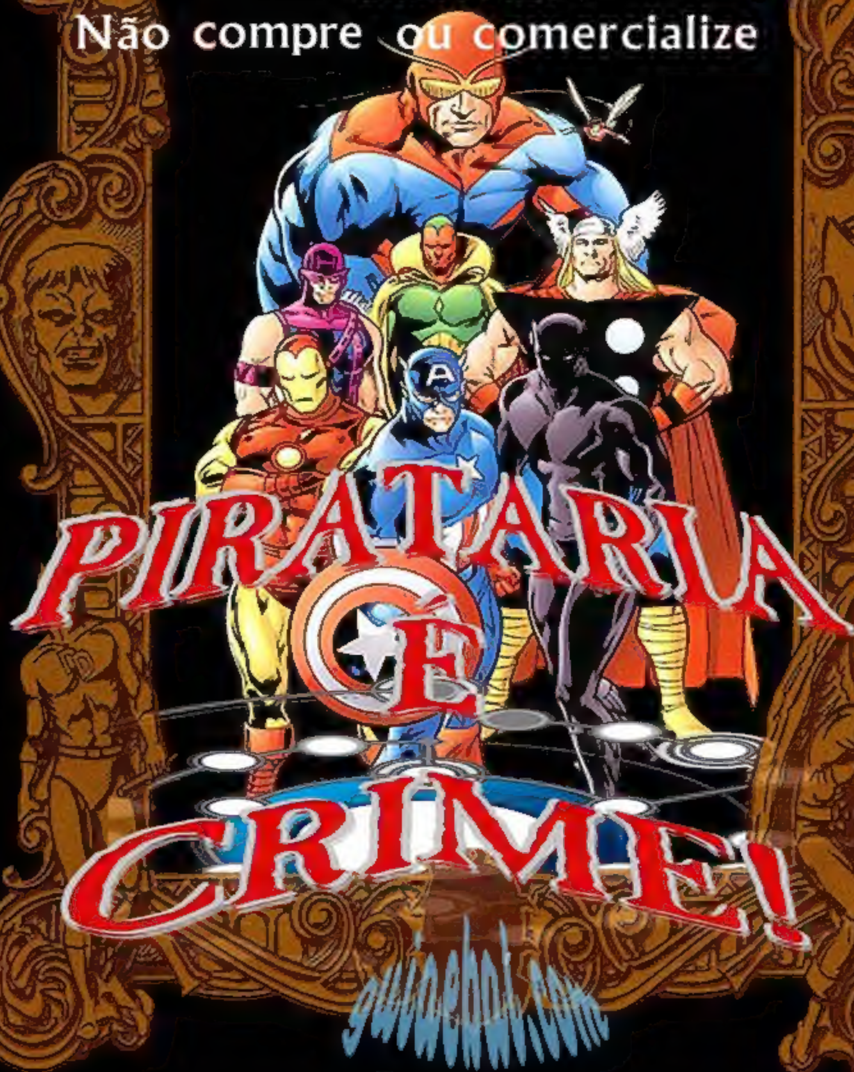


Se Não a Encontrar no Seu Jornaleiro ou Livrarias, Faça o Pedido Direto À EDITÔRA BRASIL-AMÉRICA LIMITADA
Rua General Almério de Moura, 302, Rio de Janeiro, Brasil



A Religião na Arte — "A Virgem do Coxim 'Verde"
Quadro de Andréa Solario — Museu do Louvre

Você acabou de ler mais um Scan Produzido e Restaurado de Fã para Fã, direto de nossa coleção Particular e distribuido gratuitamente e que já tem seus direitos registrados pelas respectivas Editoras.
Não compre ou comercialize



www.guiaebal.com





Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!